

A Tragédia de

# Mário Castelhana:

## Severina

Canto um



**José Isaac Pilati**



Editora Unoesc

© 2017 Editora Unoesc

Direitos desta edição reservados à Editora Unoesc

É proibida a reprodução desta obra, de toda ou em parte, sob quaisquer formas ou por quaisquer meios, sem a permissão expressa da Editora.

Rua Getúlio Vargas, 2125, Bairro Flor da Serra, 89600-000 – Joaçaba – Santa Catarina, Brasil  
Fone: (55) (49) 3551-2065 – Fax: (55) (49) 3551-2004 – editora@unoesc.edu.br

**Editora Unoesc**

Coordenação

Débora Diersmann Silva Pereira - Editora Executiva

Revisão linguística: Bianca Regina Paganini

Projeto gráfico e Capa: Daniely Akemi Terao Guedes

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

P637t

Pilati, José Isaac.

A tragédia de Mário Castelhanos: Severina: canto um / José Isaac Pilati. –  
Joaçaba: Editora Unoesc, 2017.

72 p., il. ; 21cm.

ISBN: 978-85-8422-118-9

1. Poesia brasileira. 2. Literatura brasileira. I. Título.

CDD 869.1

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universitária – *Campus* Joaçaba

**Universidade do Oeste de Santa Catarina**

**Reitor**

Aristides Cimadon

**Vice-reitores de *Campi***

*Campus* de Chapecó

Ricardo Antonio De Marco

*Campus* de São Miguel do Oeste

Vitor Carlos D'Agostini

*Campus* de Videira

Ildo Fabris

*Campus* de Xanxerê

Genesio Téio

**Diretora Executiva da Reitoria**

Lindamir Secchi Gadler

**Pró-reitor de Graduação**

Ricardo Marcelo de Menezes

**Pró-reitor de Pesquisa, Pós-graduação  
e Extensão**

Fábio Lazzarotti

**Conselho Editorial**

Fábio Lazzarotti

Débora Diersmann Silva Pereira

Andréa Jaqueline Prates Ribeiro

Jovani Antônio Steffani

Eliane Salete Filippim

Carlos Luiz Strapazzon

Marilda Pasqual Schneider

Claudio Luiz Orço

Maria Rita Nogueira

Daniele Cristine Beuron

*João Pilati é o espírito que anima essa obra. Ele narrava os episódios de um modo palpitante, como a mostrar uma aranha ou lagarto a criança, imobilizado nos dedos da mão.*

*Agradecimento especial a Aristides Cimadon e à Unoesc.*



## SUMÁRIO

Prólogo .....	7
---------------	---

*Canto um:*

### SEVERINA

Poema 1: o Encruzo .....	11
Poema 2: o bodejo da Severina .....	15
Poema 3: nada além.....	17
Poema 4: como as cobras de veneno.....	19
Poema 5: na escola .....	21
Poema 6: na crise da idade .....	23
Poema 7: o beijo da Júlia Preta, Severina vai-se embora .....	25
Poema 8: o retorno da Severina .....	29
Poema 9: lembranças da Severina – velho Jango.....	31
Poema 10: lembranças da Severina – José Lara .....	33
Poema 11: lembranças da Severina – Jesuíno liberto .....	35
Poema 12: lembranças da Severina – o viúvo espanhol .....	37
Poema 13: lembranças da Severina – Athanasio Nogueira .....	39
Poema 14: lembranças da Severina – Cemitério do Cortado.....	41
Poema 15: quem chorará por eles? .....	51
APÊNDICE .....	53





## Prólogo

*Para a Moicana Araucária da Praça de Nonoai*

Verde, verde e um pingo branco na verdura,  
Nonoai de vinte e cinco entardecendo,  
praça, igreja, poucas casas e um sino,  
o Uruguai e o calendário transcorrendo.

Verde, verde e um ponto branco na paisagem,  
Nonoai de trinta e sete anoitecendo,  
trinta casas, sítios cétricos e plátanos patéticos,  
e um verde de morrer que vos saúda!

Ave Cesar,  
moribunda essa verdura te saúda,  
araucárias, cedros, grápias – timbaúvas  
e queixadas, antas, gralhas – cabriúvas.

Hoje choram por eles teus vis cinamomos  
e na praça entre fios a moicana araucária  
a urrar na tortura sem fim dos natais!

E o Uruguai? Carregou a mortalha dos seus  
que o teu anjo da morte com balsas coseu.

Pobre Uruguai, hoje em leito de usina,  
vela por ele infeliz medicina!  
pobre Uruguai hoje em leito de usina  
antes a morte a viver a sua sina!

Ave Cesar,  
O meu verso imorredouro te saúda  
com pirraça de inço, picuia, guanxuma!  
E das calhas e frinchas com vaias de buvas!  
E da alma da vida com pragas das uvas!  
O meu verso é a mentira que imita a verdade,  
tua verdade felina, que é pura mentira.

Tua razão é mentira  
Tua justiça é mentira  
Teu dinheiro é uma crença  
E tua crença é mentira!

*Pandarí, pandarí*, tudo sempre a fluir  
O meu verso é uma hiena das sobras de ti!  
O meu verso é uma hiena que chora e que ri.

Quando rezas da boca pra fora,  
quando julgas e posas de eterno Boi Ápis do  
Egito,  
e nos pões a cevar animais no Zodíaco,  
é que eu tenho a grande noção do ridículo!

Mas a mão invisível do tempo,  
com as luvas de inço, picuia e afeto,  
vai pegar-te furioso, felino, impotente,  
e no dedo exhibir-te à criança inocente,  
como bicho curioso, aranha feiosa,  
ladrão insaciável dum tempo distante.

Construía deserto e mudava de assunto.



*Canto um:*

SEVERINA





## Poema I: o Encruzo

*Para Leopoldo Moura in memoriam*

Era o tempo  
da Carroça  
e da lida balseira  
pelo rio Uruguai.  
Severina tinha Casa  
no encruzo de Nonoai:  
dava abrigo para os homens  
e também pros animais,  
e de quebra companhia  
para uns bailes habituais.

Branca  
negra  
índia  
bugra  
eram essas as suas vogais  
nas consoantes do mundo  
em seu tempo em Nonoai.

Tinha corpo de pilão  
com feitiços de bugrota,  
mas no cerne era cabocla  
destemida, fidalga e de faca na bota.

Carregava consigo a navalha de briga

enrustida num leque florido, de prenda,  
e a qualquer alarido, ameaça ou bandido,  
começava a abanar-se a medir o perigo.

No salão, na parede, nuns cornos de veado,  
pendurava um rebenque de couro trançado,  
que do cabo indecente botava uma língua  
de serpente do Éden  
a vigiar as meninas.

E se alguma corneava o seu carroceiro  
a encangar-se nos olhos de outro parceiro,  
ela vinha e surrava parêlho: a Eva exibida  
e o Adão que metido guapeasse no meio.

Ela encontrara o seu eixo na vida  
como os balseiros nas coisas do rio.  
O que os homens teciam com balsas no fio do  
Uruguai,  
Severina fazia com bailes no Encruzo em  
Nonoai.

Para eles a fúria das águas,  
para ela a volúpia dos homens.  
Mas as águas não mentem, não guardam  
rancor,  
não sofrem de ciúmes, não morrem de amor..

Com estranho assuntava de lado,  
como a ouvi-lo de longe  
contra espirro,  
mau-olhado,  
e assim antenada tirava de ouvido a milonga  
do coera:  
apartava a mentira, embretava a verdade:  
– bernes fora,  
cascos vistos – nas aspas  
um gole de graspa dos seus olhos de faro  
de cão perdigueiro,  
pois no vinho é no casco e nos homens na testa  
que estão os letreiros.

Não julgava no plano moral,  
avaliava o risco pessoal.  
Se de dia comprava e vendia,  
pela noite trocava de mercadoria.  
Alegria e tristeza brochava irmanadas  
na harmonia de chifres – no mesmo tamanho!  
E os homens, felizes, formavam um rebanho.

Nos negócios – na aparência –  
era dura, casca grossa,  
mas por dentro era doce,  
nívea polpa, sedução,  
num caroço de lisura,  
lealdade e retidão.

Assuntava nas coisas do rio,  
se baixou, se subiu,  
e também nos cereais,  
erva-mate e frescais,  
que comprava e vendia  
com a pinga e as valsas,  
que sua vida era balsa a guapear Uruguai.

Com o tempo e o tino da quenga,  
o inocente Encruzo de Vênus  
virou centro de compras e vendas  
– Casa de Jano, Mercúrio de dono –  
e dê-lhe produto e dê-lhe fandango!



## Poema 2: o bodejo da Severina

*Para João Pilati in memoriam*

Volta e meia encilhava um petiço lustroso,  
o apero de prata, o selim de mulher,  
e pilchada em seu traje portenho importado,  
la boquita pintada y pestañas cargadas,  
se tocava pra vila num passo dengoso:  
bem me quer, mal me quer, bem me quer, mal  
me quer...

E provocava a momentos  
um papagaio abelhudo  
que retovava dos tentos  
a gritar Aí guampudo!  
E aí, como tem pançudo?

Era o tanto de vê-la e os meninos da vila  
portando as bandejas de pé de moleque,  
corriam vender-lhe a féria do dia.  
Mas a china em picardia delongava na  
pechincha,  
a esbaldar-se no cortejo como a tripa na  
linguiça.  
E assim chegava ao povoado  
no petiço e no alvoroço,  
aclamada feito um Cristo  
nas delícias do retouço,

distribuindo os quitutes  
das bandejas dos garotos.

Chegava a uma loja e parava na porta  
Olhava pra dentro e vinha de volta  
Mas se o dono, fiasquento e faceiro, fizesse  
um aceno,  
pois, sacava os peçuelos, comprava de tudo e  
pagava a dinheiro.

Severina assim cultuava  
desdenhosa e sobressi  
o deus que vinha primeiro  
no moralismo dali:  
*o Dinheiro de deus! O que tira os Pecados do  
Mundo!*  
*O que tem piedade de nós!*  
*Dinheiro de deus, que botais o pecado no Mundo –  
tende piedade de nós!*  
*Dinheiro de deus, que tirais e botais o pecado no  
Mundo – dai-nos a paz!*





### Poema 3: nada além

*Para José Alberto Barbosa*

Ela amava o cheiro de gado curtido no verde,  
como couro nativo em vassoura do campo,  
e da gente, a saudade que teve,  
quando longe estive do pago,  
foi da enchente de povo na igreja,  
pois que ali eram todos iguais,  
como gente de balsa no rio Uruguai.

Não amava ninguém

– sim eu sei!

Não odiava ninguém

– sim eu sei!


Agradava ninguém

– tudo bem!

Sempre tinha o que queria,  
nada mais e nada além.

Jeito seu de estar consigo  
a escorrer pra onde vai  
água mansa e seus perigos  
mesma sina do Uruguai.





Poema 4: como as cobras de  
veneno

Nunca se soube de onde proviera  
nunca se soube quem eram seus pais.  
Apareceu de repente em Nonoai  
aquele tico de graça e de gente,  
como um lírio sem campo na porta da frente.

E ali foi vivendo  
do próprio veneno,  
como cobra sozinha  
que já nasce sabendo ou vai logo aprendendo.

Vestida e cheirosa,  
sumia do nada, brincava na rua, dormia ao  
relento,  
e à tarde voltava pra outra morada.

E assim passou a infância livre  
sem morrer pelo Brasil  
Tinha as casas e as coisas,  
mas vivia para si.  
Morava com todos sem ser de ninguém,  
beijava, abanava,  
dizia as coisas  
de forma engraçada,

e aonde ela andava tudo floria sorrindo  
também,  
um lírio de todos sem ser de ninguém.



## Poema 5: na escola

Ainda criança,  
na escola da Vila,  
mostrou que nascera  
pras coisas da vida.

Mestre-escola, *seo* Motta amotava no Bem,  
mas pregava a tabuada a varadas também.

Se da porta pra dentro ensinava os meninos,  
da janela pra fora vigiava uns equinos de  
alguém,  
e se pau que é pra Chico é também pra  
Francisco,  
com a vara do ofício surrava geral,  
os meninos, as moscas e as éguas também.

Severina com cara de anjo, e de rédea nos  
olhos,  
desde logo cavalga as éguas dos números,  
espantando o Motta, as moscas e os próprios  
alunos.

A louçã encantadora de homens ali se revela  
intuindo no Motta o menino medroso que era:  
dá-lhe a mão com uns olhos de tê-lo a louvá-lo,  
e em lição às avessas – da escola da vida,

como fêmea travessa – comeu a cabeça do seu  
louva-deus.

Na aparência, bem pouco se via:  
o sorriso maroto e fidalgo que tinha,  
e o Motta feliz a voar pelos píncaros:  
entre pires e boca levava, trazia,  
num afã de menino, com asas de xícara.



## Poema 6: na crise da idade

A girar pelas casas crescia a criança,  
sem abrigo de seu e maternas lembranças;  
e aos arrulhos primeiros, de humores e  
anseios,  
de noturnos fantasmas não tinha receios.


Ela olhava pra gente da terra  
como um surdo contempla uma orquestra,  
sem a música os gestos, apenas,  
sem a crença as rezas, somente,  
e sabia do fundo da alma  
que sua vida, seu mundo, sua calma  
era um tudo de um não escutar.

Como as aves que bebem das poças imundas,  
Severina era imune aos lodos do mundo,  
e alegre voava por cima de tudo.  
A sujeira da culpa corria-lhe as penas,  
como águas da chuva em asas pequenas.

Não culpava os conterrâneos  
pela sua condição,  
que o dinheiro é quem manda  
e é essa a razão,  
que a escória sai na sobra,  
como urina das senhoras,  
mate-doce ou chimarrão.







Poema 7: o beijo da Júlia  
Preta, Severina vai-se embora

*Para Beatriz de Castro*

Júlia Preta veio ao mundo  
pela Lei do Ventre Livre,  
e lavava roupa suja  
pelas pedras do Rio Tigre.

Ama-seca, vassoura ou sabão,  
era coisa – uma roda em carroça de bois.  
Pelas lidas lhe davam as sobras das casas  
e pra graxa da vida um tostão para a pinga –  
pois, pois.

Severina uma tarde na crise da idade  
achegou-se do chio do lajeado,  
e ficou abismada nas coisas que viu:  
Júlia Preta encarnava nas peças de roupas!  
Percutia nas pedras, sabão, e nas teclas do rio,  
numa orquestra fantasma,  
em que o mundo abanava o seu rabo de cão.

Seu maestro era um litro de pinga malvada,  
de palheta no bico – um sabugo de milho –  
que tirava das tripas do mal coração,  
como a soda nos miúdos que viram sabão.

Severina enfiou-se na meada –  
nessas coisas eternas quais pedras do chão,  
entes cegos sem casa: botões  
– e abotoou-se no abraço da negra ancestral.

Júlia Preta pingou-lhe na face um beijo de mãe,  
o primeiro na vida, o fermento nos pães,  
elixir de savana, instinto de leoa.  
Nas entranhas. Na alma. No fio  
de tecer-se a pessoa!

E ao cruzar o rio Tigre pra o mundo cruel,  
Severina olhou para trás de revés,  
Júlia Preta com cara de Eufrates olhava os seus  
pés,  
e sorvia os seus passos em taça de cuia,  
seus pedaços de longe,  
qual cipó de mil-homens no seu chimarrão.

*O coração é uma ave que avoa,  
que nasce fora e bem antes da própria pessoa,  
que se aninha no peito pra voar nas ideias  
Severina uma nuvem no olhar das lagoas.*

Severina virou-se a última vez  
a dançar no sorriso de Júlia  
e entre risos dançaram as duas,  
riu-se a vida, e dançaram as três.

Só sabiam que estavam contentes!  
e o verde na tarde se fez melancia,  
sua doçura vermelha entre os morros se ria,  
entre tocos de dentes da boca da noite,  
entre os tocos dos dentes da Noite Sombria.






## Poema 8: o retorno da Severina

E assim se sumiu Severina  
como veio  
– do nada e da vida  
e o tempo varreu-lhe a memória, da Vila.  
Três decênios e mais ninguém sabe onde  
esteve,  
e já estranha se veio pro Encruzo de Vênus:  
sabia de todos  
sabia de tudo,  
e o vulgo de tolo  
sabia de nada.





Poema 9: lembranças da  
Severina - velho Jango

O velho Jango entrava na igreja,  
botas lustrosas, em dupla a rezar:

– nhic!

– nhéc!

– nhic!

– nhéc!

Todos olhavam, sorrindo à socapa,  
toda a jornada até a frente do altar.

Quando chegava benzia e fazia  
genuflexão abreviada por conta da idade:  
ponta da bota na cauda de si:


– tuc! E a sacristia em madeira rangia por  
tudo:

– tutrééc! Tutrééc! Tutrééc...

Severina grandota sem fé só pensava consigo:  
se o Janguta ao fletir amontoasse no chão  
certamente que o santo negava-lhe a mão,  
por que diabo o faria em outra ocasião?







Poema IO: lembranças da  
Severina - José Lara

José Lara fumava cigarro de palha,  
mas não era o cigarro que ele fumava,  
era o Mundo, que ele acendia e pitava...


Como as águas que cantam nas pedras  
pontudas,  
ele ria de tudo na graça do pito,  
e nas noites escuras, sentado na escada,  
faiscava de estrelas o seu universo,  
baforava via-láctea no céu infinito.

Numa noite faltou-lhe a pedra no isqueiro,  
e acendeu o cigarro na Alfa-Centauri,  
e depois nas Marias, em Órion, na Ursa Maior,  
e encantou-se pra sempre na água do banho  
da Ursa Menor.

Pra que serve relógio na Ursa Maior?  
Marca hora do banho na Ursa Menor?

Ah relógio cego e mudo das coisas, das pedras,  
recolhendo as dores de artrose da terra.  
Ó milhões de milênios de olvido e matéria!  
Ó loucura de giros por loucas esferas  
Ó loucura dos gritos dementes das eras  
A gritar para sempre no ouvido do NADA!






Poema II: lembranças da  
Severina - Jesuíno liberto

Jesuíno foi jovem granado de sonhos,  
mas a vida bem cedo o deixou no sabugo.  
O seu pai remediado morreu inda novo,  
e o milho, a fortuna, sumiu no caruncho.  
Só ficaram-lhe os olhos de ponta de espiga  
e uma raiva suicida do resto do mundo.  
Assuntou-se na morte com calma de zelo,  
a tornar-se o farelo das mós do universo,  
e os seus olhos, de resto, viraram estrelas  
no eterno retorno de sermos iguais.





Poema 12: lembranças da  
Severina - o viúvo espanhol

O espanhol Antônio Redondo Cuadrado  
perdeu a mulher e a razão de viver.

Os pratos da mesa choravam por ela,  
e a boca do abismo chamava por ele.

Severina, ao comprar-lhe uns atilhos de milho,  
imitou-lhe a mulher no vestido de chita.


Ofertou-lhe um prato de sopa  
e num papo de esposa com dor de cabeça,  
censurou-lhe os modos, a roupa, tamanha  
tristeza.

E nos meses seguintes,  
como um Freud de saia em alcova de zona,  
Severina encenava as rotinas de Antônio:  
as quadradas bem mais que as redondas,  
as da alma bem mais que as mundanas,  
como casa em faxina com banho no dono.

A falar como a outra alentava, ordenava,  
e as horas passadas cobrava brejeira,  
pois lhe davam canseira e trabalho é dinheiro!

Desde então, para os viúvos da Vila,  
Severina era luz e o caminho na vida,

– o Leocádio, o Atílio, o Zé Ruivo –  
Severina sol e chuva  
casamento de viúvo!



Poema 13: lembranças da  
Severina - Athanasio Nogueira

Athanasio Nogueira espantava tormenta de  
feio que era;  
mas detinha o segredo – quais flores e abelhas  
– de ter as mulheres!  
Era simples, gentio e discreto,  
inocente e secreto qual dedo da mão.  
Entendia e falava o dialeto das fadas,  
que em seu mato lenhavam a vara, o condão,  
no jardim de delícias da testa de Adão.

Mas morreu numa tarde chuvosa de agosto,  
no desgosto do tédio, seu único inferno:  
de uma vez e não foi pouco,  
comeu um acém de porco  
e uma quarta de pinhão,  
e quadrado foi ao cubo,  
ao morrer de congestão.


Sobre o estrado de bancos e pranchas de  
pinho,  
seu Éden das fadas, ó quanto carinho!  
estufou como a enchente do rio Uruguai.  
E os gases ruidosos em nada inodoros  
inundaram espaços no humilde velório.

E assim foi abaixo de riso e de chuva,  
que sua balsa de ruídos e viúvas  
eskorreu entre preces pra paz do Cortado,  
Cemitério de pobre num sítio afastado.

Cova aberta aguardava-lhe a terra,  
mas seu corpo perdera a macheza,  
e na água das bordas boiou de leveza.

Resolveram, então, de deixá-los  
inocentes dormir lado a lado  
bem casados na mútua ronqueira,  
e no dia seguinte voltaram  
pra acabar de enterrar Athanasio Nogueira.





Poema 14: lembranças da  
Severina - Cemitério do  
Cortado

*Para Vicente Telles*

O Cortado era um homem valente,  
que vencera duelo às dezenas,  
e o seu corpo contava os seus feitos  
na gagueira de mil cicatrizes.

Dedicara a sua vida a cultuar valentia,  
e na lida criara o seu próprio ritual:  
descartava o mais fraco, o suicida, o velhaco,  
e na prosa dum rito levava o rival  
para um brejo de astúcia e jiboia mental.

Certa feita à tardinha, no Encruzo de Vênus,  
o Cortado cruzou com a cara do demo,  
um caboclo atirado, estranho ao lugar,  
com um rastro de estanho no rosto  
e uma orelha no coto lhe estando a faltar!  
O aleijo lhe dava um sorriso de diabo  
como um guizo de cobra na cauda do olhar:

– *Rasga-Diabo* – falou-lhe o Cortado,  
já no brete do rito fatal...

– ô *Cortado* – tornou o caboclo,

com a voz de um dono de potro que acalma o animal...

Severina botou as mulheres pra fora,  
e de leque na mão os talheres na mesa:

*– a comida e a porta é franquia da casa!*

*– não dou e não peço, rasgo e não meço!*

atalhou o Cortado, comprando a parada!

Rasga-Diabo brilhou como adaga  
destacando a ferrugem no aleijo da cara:

*– Ela é uma mulher, seu Cortado,  
não desonra o teu próprio passado!*

*– Mas não sou aleijada, falou Severina,  
destravando a navalha no leque florido:*

*tá pra nascer o enxerido,  
corno, macho ou bandido  
que me afronte nessa vida  
minha casa e as meninas!*

*– Ala puxa, Cortado, escrachou Rasga-Diabo,  
e sacou de uma faca, saltando pra trás.*

*– Tu também – gritou-lhe a cabocla,  
solta essa bosta, rapaz!*

*Se eu convido eu sento contigo,  
vamos comer, vamos prosear!*

Sopa e pão era a comida,  
e as armas a harmonia

da brutíssima trindade,  
que entre sorvos se servia...

Rasga-Diabo emudeceu com uns olhos de  
oração,  
Severina compreendeu e falou sem devoção:  
que a bunda desse alimento  
acalme – a nossa – tensão!

O Cortado se riu  
Rasga-Diabo sorriu  
Severina partiu em três partes o pão.

Levantou-se o Cortado, sacou da sua adaga,  
e atirou-a de ponta a cravá-la de rente,  
bem do lado do Relho pregado à parede.

Rasga-Diabo puxou pela faca de pronto,  
e atirou-a de ponta no lado contrário,  
pondo o Relho no meio,  
feito um Cristo de entrevero  
a acalmar os companheiros.

Severina travou a navalha  
enfiou entre os seios a tralha,  
distribuiu as porções e falou:  
*se o trigo*  
*tivesse*  
*cabeça*

– no pão,  
era o homem no mundo:  
carola e cuzão.

*Todo homem se molda a uma ideia errada do mundo.*

E em torno do falso se afastam, se ajuntam,  
se odeiam, se matam,  
*me torram o sa-co!*

O Cortado se riu novamente,  
não da ideia, que não entendeu,  
mas do jeito, da troça, do tom que ela deu;  
pois sua dor tinha boca e ouvidos de chagas,  
funcionava na birra, ouvia na adaga,  
não sabia onde doía,  
onde é que pegava um troço engraçado:  
um macuco que piava no bruto dos cornos,  
de ele ser a si mesmo em mato fechado.

Severina em verdade  
nunca tinha interesse  
pelas grandes Verdades;  
e só disse o que disse por necessidade,  
como pedras de ideias nos vidros da briga:  
que uma morte no Encruzo era muito prejuízo,  
a polícia, curiosos, abusos, perícia – melhor  
prevenir.

Desse ponto em diante cearam calados.

Rasga-Diabo amoitou-se nuns goles de vinho,  
e do nada lhe vieram as mágoas da vida:

*tive terra e esposa,*

– disse calmo e pausado,

*tive irmãos, minhas coisas,*

*engordava meus porcos no mato a pinhão,*

*festejava casórios e santos,*

*e curava os quebrantos nas vindas do Monge,*

*que nos vinha de longe através do sertão...*

Mas um dia

Zé Mentira,

que alardeava desgraças no meu Irani,

me falou de uma estrada de ferro

de um cara estrangeiro,

esganado e de muito dinheiro,

que se vinha empanado com gente de peso

a mamar no governo:

que expulsava os caboclos da terra

como bicho e no berro, no apito do trem.

E lá foi que era pura verdade.

Proprietários, polícias e padres

se entregaram pro gringo,

e o caboclo e o índio ficou por ninguém:

era bicho deixado pra fora

no dilúvio da era que vinha:

– não estava na arca!

só sumia ou morria,

e afora fuzarca não era ninguém!

Zé Maria, o Monge,  
foi a única voz a doer pelos nossos;  
pelo gringo falou a metralha, o canhão,  
o poder, o jornal, o demônio, os bons  
e o silêncio de Deus, que me doía nos ossos.

Em resumo,  
nós matamos, morremos,  
e entre os nossos e os meus que vivemos,  
só sobraram sem susto, nenhum que morreu,  
a pobreza, a miséria, e os braços cruzados de  
Deus!

*Embretado na luta com meus companheiros,  
apanhou-nos um dia um troço guerreiro,  
a milícia grileira de um tal Coronel,  
que ordenou nossa morte, sumária e cruel.*

*Entreguei minha vida e a sorte pro Monge,  
que me disse de cima: fica de frente e aponta pra  
cara  
e no grito da ordem, arreda da bala.*

*Eu conheço um covarde de longe,  
como galo no meio de pinto,  
e aqui eu afianço e não minto,  
meu carrasco tremia ao cagaço do Monge:  
esquivei-me sutil a cair apressado,  
e acordei apertado entre a pilha de mortos.*

*– Deixa pros porcos, deixa pros corvos!  
Era a voz do covarde, que eu mal conhecia,  
mas eu vi que dizia o que o Monge mandava...*

*A ferida comeu-me a metade da cara,  
que me ardia e sangrava na fuga, na estrada,  
e o gilvaz que aqui para vós se depara  
é o mapa da história, é o tapa da sina:  
uma face se cala e a outra revela.*

Fez-se um grande silêncio na sala, na rua, na  
casa  
e nos três companheiros.

O Cortado, emoção o quebrava!  
Seus macucos lhe piavam por tudo, às  
ninhadas.

Severina olhava essas coisas sem fita,  
mais na trena e no morto a coveiro de vila;  
falou franca e exata, no espelho da vida:  
*– o dinheiro é um ladrão amoral e perverso,  
bota a culpa e o preço nos fracos, no resto.  
Na sua dança, a vassoura que sobra é pra pobre,  
ele o pobre é que sofre, que sobra e que morre.*

*A tua casa era mais do que a terra, o terreiro,  
era o mato e a gente, os laços e as rezas,  
mas o gringo do estrangeiro*

*não estava nem aí,  
pôs o fogo do dinheiro  
e os vassouras brasileiros  
se mataram entre si.*

Rasga-Diabo arrancou sua faca,  
quis falar, mas calou a sorrir,  
nunca fora escutado, estava feliz.  
Fez de queixo o que se diz,  
disse adeus com o chapéu  
e voltou pro Goio-En:  
o seu vulto precito e maldito de réprobo  
foi pras balsas, remorques e enchentes do rio,  
que era lá o seu refúgio de pária e de réu.

O Cortado abriu a guaiaca e pediu a despesa.  
Insistiu e deixou o dinheiro na mesa,  
não dormia  
se devia um favor ou alguma quantia.

Severina sorriu numa réstia de sol  
lá nos altos de si,  
e encerrou o bocório a guardar o peguilho:  
– *seo Cortado, não chora, eu guardo pra ti.*

Pois, aquele dinheiro, no dia seguinte,  
pagou velas e flores do triste velório  
do pobre vivente.  
Na manhã, logo cedo, no dia seguinte,



– como disse –

o Cortado foi morto em covarde emboscada:  
um forâneo gabola arrepiara de medo  
e ao invés do duelo que tanto alardeara,  
contratou o Chaluca, um bandido de estrada,  
que atirou no coitado a caminho da luta.

Um cortejo de pobres,  
que lembrava formigas,  
carregou-o da morte ao casebre distante:  
que as formigas...  
as formigas tributam ao corpo do inseto  
um respeito de rito, família e cordeiro pascal.  
Foi assim que o levaram ao digno casebre de  
posse ilegal,  
e chegados ali, ali mesmo enterraram o pobre  
Cortado  
no seu pátio, no musgo enrolado no seu  
cobertor.

Severina pagou o pecúlio em moedas de flor,  
e com elas mudou em cofrinhos panelas,  
chaleiras e bules,  
a formar uma guarda de vasos pro seu  
morador;  
e de quebra levou para o Encruzo,  
para a vida, os carinhos e abusos,  
o cãozinho brasino, chamado Teimoso.

Os dias levaram as flores, e os anos a casa,  
o Teimoso virou cão da vila na zona,  
festejado por todos andava por tudo e morava  
no Encruzo;  
e o Cortado, da cova estendeu o braço na  
Gripe Espanhola,  
na chacina dos Lopes, nas pestes dos pobres:  
encorpou-se o ermitério  
do gaudério dos párias,  
que qual monge de mortos,  
aumentou o reduto,  
prosperou no produto,  
e virou cemitério.



Poema 15: quem chorará por eles?

*Para João Pilati Boita in memoriam*

Caminheiro que passas no rumo  
da estrada Nonoai – Rio dos Índios,  
ao passares em frente ao Cortado  
onde vive a memória dos párias,  
oh, não rezes!  
oh, não fales!  
oh, não rias!  
Em silêncio esquece as verdades  
do bulício tão reles da vida;  
e na mão e nos olhos o teu coração,  
só escuta o seu canto suave e sentido,  
que em palavras, no mundo, jamais foi ouvido:  
voz de rio e de peixe, de mata e de bicho,  
no silêncio profundo que vem da matéria.  
Se na vida não foram ouvidos,  
não profanes sua morte com coisas de vivos.  
E não chores! Não chores amigo, por tristes  
que somos,  
só escuta, por nós e por eles – o choro...  
Esse choro sincero dos vis cinamomos.





APÊNDICE

TOPONÍMIA BALSEIRA NO  
RIO URUGUAI







## O rio Uruguai visto de dentro

O roteiro das balsas começava na velha Itá, e o lugar mais difícil de todo o trajeto ficava justamente no trecho inicial, antes do Goio-En, no famoso Passo do Uv. Do Porto *Goio-En*, altura de *Nonoai* e *Chapecó*, até São Borja e *Santo Tomé* (Argentina), os balseiros orientavam-se pela seguinte toponímia de ilhas, rios e barras de rios, portos e localidades ribeirinhas, aqui alinhadas em sequência:

**Passo do Uv**

**Ilha do Cerne**

**Ilhota do Ruivo**

**Ruivinho**

**Porto Bem-Vindo**

**Ilha do Lopes**

**Ilha Marcondes**

**Ilha e corredeira do Mulato**

**Porto Chalana**

**Ilhota e corredeira da Laguna**

**Ilha e Porto do Caxambu**

**Porto Sbaraini**

**Ilha e corredeira da Capivara**

**Ilha da Rapadura**

**Saltinho do Abrão (ou Saltinho do Luzia)**

**Ilha de Nonoai**

**Barra Bonita**

**Barra e ilha do Dom José**

Saltinho do Lameu  
Barra e ilha do Chapecó  
Ilha e corredeira Comprida  
Ilha Redonda  
Ilha Palmitos  
Porto do Estreito  
Farinhas (Farinha Grande e Farinhazinha)  
Porto de Passarinhos  
Duas Irmãs  
Barra do Rio da Várzea  
Estouração dos Ovos  
Cascalho  
Ilha de São Domingos  
Barra do Iracema  
Barra do rio das Antas  
Mondaí  
Estouração Burro Branco  
Pão de Açúcar  
Taipas  
Ervas  
Catres  
Barra (remanso) do rio Pardo  
Capelas  
Fortaleza  
Porto de Itapiranga  
Barra do Guarita  
Ilha e corredeirão do Macaco Branco  
Ilhotas da Bananeira  
Barra do Peperi-Guaçu



**Ilha do Peperi**  
**Salto Grande**  
**Encenada das Telhas**  
**Barra do Peperizinho**  
**Ilha da Colônia do Alto Uruguai (Colônia Militar)**  
**Barra do Soberbo**  
**Ilha do Puxa**  
**Burricá**  
**Chafariz**  
**Nove Voltas (e nelas, Remanso dos Mortos)**  
**Laranjeira**  
**Pratos**  
**Estouração dos Macacos**  
**Saltinho (Ilha e Saltinho do Sertão)**  
**Estouração Três Pedras**  
**Três Bocas**  
**Ilha do Jacaré**  
**Porto Mauá**  
**Remanso do Poço Preto**  
**Corredeira Canal Torto**  
**Ilha do Biguá**  
**Estouração das Três Pedras**  
**Ilha do Mato Queimado**  
**Povoação Cafundó**  
**Ilha do Roncador**  
**Chico Alferes**  
**Cancha dos Ingleses**  
**Ilha Grande**

**Ilha do Porto Lucena**  
**Ilha Comandaí**  
**Porto São Xavier (San Javier)**  
**Porto Cerro Pelado e o Ilhote da Saracura**  
**Ilhota Cordão de Silva**  
**Ilha Taquararé**  
**Barra do Ijuí**  
**Ilha Santa Maria**  
**Santo Isidro**  
**Ilhota dos Porcos**  
**Ilha Piratini**  
**Ilha do Serrito**  
**Taquaras**  
**São Lucas**  
**Ilha Capinzal**  
**Ilha e Porto do Garrucho**  
**Ilha Grande**  
**Ilha Mercedes**  
**Ilha Sarandi**  
**Remanso do Saladero**  
**Porto de Santo Tomé**  
**São Borja.**

Fonte: Ines Rotava e Eufrásio Ribeiro de Melo. Nonoai [diversas entrevistas 1990-1992]. Mapa das ilhas do rio Uruguai Porto Goio-En a São Borja. Chapecó: s.d. 3 p. Texto digitado por Nery Teodoro dos Santos. Também, Fabrício Leme de Oliveira [Guri Leme]. Nonoai, 28 fev. 1992. João Pilati. Nonoai [diversas entrevistas].



## De São Borja abaixo

O rio Uruguai, de São Borja em diante, era mais largo, em melhores condições para navegação até *Federación*, na Argentina, onde as madeiras eram retiradas, serradas e conduzidas por trem até Buenos Aires e o porto marítimo. Quando a *enchente* era ainda maior que de ordinário, suficiente para cobrir as grandes pedras do *Salto Oriental*, algumas vezes o *remorque* não era desfeito em *Federación*; seguia adiante, até o mar, onde os quartéis eram embarcados diretamente nos navios, com grande economia para o madeireiro. *Depoimentos de Guri Lemes; João Pilati*. Nonoai, 28 fev. 1992.

## Pontos mais perigosos do trajeto

Segundo o depoimento do *prático* Pedro Luiz Machado Serpa: “Do Goio-En até São Borja eram 160 ilhas que pegavam. Muita ilhota dessas constantes da relação que o senhor acaba de me mostrar [afirmou] desaparecia com a enchente, dependendo do volume d’água. Por terra seriam 400 km, mas pelo rio era muito mais. Havia trechos, como as *Nove Voltas*, que davam oito horas de chimarrão. Entre os lugares mais bravos: eram as *Ervas*, a *Fortaleza*, *Santo Isidro* e o *Salto Grande*.” Nonoai, 4 jan. 1998.

Fernandes Pasin destacou a seguinte lista de lugares que, por serem mais perigosos, exigiam grande cuidado: *Uvá* (para quem partia de Itá); a *Corredeira do Mulato* (em razão do ressojo e porque, se não se estivesse bem no *ponto de balsa*, o *quartel* da frente podia afundar e desmanchar a *balsa*); o *Saltinho de Chapecó* (em face de que havia uma ilha e a água tendia a jogar a embarcação para cima desta); ressojo das *Ervas* (redemoinhos); a *Fortaleza* (porque o canal do rio se repartia e havia uma grande pedra, que tinha que ser desviada); o *Macaco Branco* (corredeira comprida e com tombos); o *Salto Grande* ou *Yucumã*; o *Saltinho do Sertão*;

*Santa Maria e Santo Isidro.* Daí em diante, o rio já se tornava, de ordinário, navegável. De São Borja para baixo, destacou ainda: a Ilha dos Vargas, a Ilha Grande, a Ilha Quadrada (possuía moradores), a Barra do Itaqui, a Barra do Ibicuí e Toro Passo (PAZIN, Fernandes. Nonoai, 10 jan. 1993).





## Notas

*Contracapa e orelhas.* Os trechos de Beatriz de Castro, cartas trocadas ao longo da elaboração do livro, são como fotografias do andamento das obras, ao longo da construção do poema. Graças a nossa doce correspondência, eu, para lhe dar notícias, fui definindo a estrutura da Tragédia de Mário Castelhana em três cantos, ou livros: um na dimensão lusa da miscigenação (Severina), outro na do imigrante (Guilardi), e o terceiro no contexto latino-americano (Mário Castelhana). Por tudo o que Beatriz significou e significa para mim, agradeço do fundo do coração à grande dama da poesia rio-grandense, perpétua presidente da Estância da Poesia Crioula de Porto Alegre. Ela me amparou com sua sensibilidade, amizade e carinho justo na hora da insegurança, da grande solidão que é a obra por escrever; repetia meus versos de volta, como se os devolvesse vestidos de gala para festa, penteados e perfumados. Beatriz, tu vens diretamente do silêncio dos olhos de Deus, lá de onde vem a alma dos pássaros, como diria Garcia Lorca. Nossas cartas integram a Tragédia de Mário Castelhana tanto quanto o Dicionário Balseiro.

*Prólogo.* No plano formal esse prólogo é um cumprimento a Aristóteles e sua Poética a propósito de tragédia e epopeia. No mérito é um brado de esperança perante a desertificação do mundo pela civilização.

*Ave Cesar morituri te salutant, Salve César, os que vão morrer te saúdam.* Frase de Suetônio em *Os doze Cesares*, referindo-se ao poder de vida e morte sobre os gladiadores e todas as pessoas. Não há outro personagem que encarne e reúna, tanto e de forma tão completa o poder, em todas as suas formas, sob a civilização. A figura de César ainda não tinha os refinados disfarces desse grande marginal da civilização.

A *moicana araucária* é o pinheiro que plantei na Praça Getúlio Vargas de Nonoai em 1978. Ganhara de um cliente em Urubici, na Serra catarinense, uma pinha de tamanho descomunal; fiz dezenas de mudas, mas vingaram duas árvores. Uma está no pátio da casa do amigo médico Rubens José da Silva, em Urubici, na rua Boanerges Pereira de Medeiros, 1327 (é um pinheiro macho). E a outra é a que está no poema e fornece pinhões na Praça Getúlio Vargas de Nonoai.

*Pandari* é expressão de Heráclito “tudo flui” (em grego, πάντα ῥεῖ;) (TOSI, Renzo. *Dicionário de sentenças latinas e gregas*. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins



Fontes, 2010, p. 252). Agradeço ao escritor Savas Apóstolo Pítsica pelo interessante diálogo que mantivemos a respeito, inclusive a pronúncia.

Esses poemas do *Canto Um* foram escritos como a um som de acordeona ao longe; que vem do episódio central da tragédia, no Canto Dois. Os versos estão assentados como tijolos de melodia e ritmo, que se orientam pela harmonia do conjunto da obra: tudo a esfriar na mesma lava. É um hino ao amor materno, *mí madresita vieja*, como dizia Mário Castelhana. E em essência, um retrato da alma brasileira, captada por *aquellos ojos míos de mil novecientos diez*, como diria García Lorca.

O recurso de introduzir temas a partir de versos conhecidos de nosso cancionero, como o soneto de Alphonsus de Guimaraens em que choram os cinamomos (Prólogo, poema 12 e poema 15); o Hino da Independência (poema 4); Castro Alves, em a Cruz da Estrada e Ode ao Dois de Julho (Prólogo, poema 15); D. Pedro II, Terra do Brasil (poema 6), é expediente que libera grande energia poética, como se observa em T.S. Eliot. O verde do Prólogo é de García Lorca: *verde, verde que te quiero verde*.

*Poema 1: o Encruzo*. Severina não é criptônimo. Meu pai conheceu-a quando menino, em Nonoai na década de 1920,

exatamente como narrado no poema 2, no episódio do bodejo. Leopoldo Moura, com mais de 100 anos na década de 1990, forneceu os detalhes do personagem, preciosidades que somente ele guardava, ainda, na memória.

*Poema 2: o bodejo da Severina.* O comércio de erva mate, madeira e outros produtos pelo rio Uruguai dava acesso a luxos e modas de Buenos Aires. Severina, com dinheiro e no centro das atividades comerciais, encomendava tais produtos de mascates e de balseiros.

*Poema 3: nada além.* Domingos era um indiozinho, queimara as pernas no fogo noturno, no Toldo de Nonoai. Vivia a deambular pela Vila e a caridade dos moradores; já adulto foi levado para um asilo em outra cidade. Quando visitado chorava de saudade, e perguntado do quê se lembrava, pois nada tivera de seu, respondeu que era da igreja. O cheiro dos campos nativos do velho Nonoai, como da mata virgem de Maravilha em Santa Catarina, é algo impensável para o cidadão e a poluição ambiental dos dias de hoje. Quando o vento regia a orquestra da mata virgem, majestosa, milenar, tudo se calava e nada se avistava.

Vassoura do campo. É uma planta que atrai as abelhas, e o mel é tido como medicinal. Suas propriedades antimicrobianas ajudam a proteger os favos da colmeia. Na Beira-Mar

Norte, em Florianópolis, surgiram vários pés, rente ao mar, sempre cobertos de abelhas. Mas o serviço de jardinagem torrou-as com algum produto químico qualquer.

*Poema 4: como as cobras de veneno.* Ainda na influência dos laços sociais do tempo da escravidão e em plena atividade tropeira dessa época, as relações de compadrio, de proprietários urbanos com sitiantes, agregados, parentela e conhecidos plasmavam o tipo de vida a que se refere o poema. Nas casas senhoriais a mesa era farta, e quem chegava comia. Sempre havia uma cama para quem precisasse. Na casa ou no galpão.

*Poema 7: o beijo da Júlia Preta, Severina vai-se embora.* A libertação do homem começa na voz de Nietzsche, pelo riso e a dança.

Cipó de mil-homens. Na minha infância em Maravilha e em Nonoai, o cipó de mil-homens era muito utilizado para dar sabor ao chimarrão e por suas propriedades de remédio caseiro. Esse nome foi dado por Carlos Chagas, que utilizou a planta contra malária em milhares de operários.

*Poema 10: lembranças da Severina – José Lara.* O final do poema é uma homenagem a Cruz e Sousa, cuja paisagem na vida não era a beleza da Ilha de Santa Catarina, mas as altas esferas, do universo e do espírito. É como se o

poeta registrasse o seu sentimento em paredes (de prisão).

*Poema 14: lembranças da Severina – Cemitério do Cortado.* O tipo de duelo a que se refere o poema foi um costume bárbaro no Rio Grande do Sul. Não consistia, propriamente, em matar o adversário, mas marcá-lo a talhos (NUNES, Zeno Cardoso; NUNES, Rui Cardoso. *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul*. 9. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2000, p. 215).

Quem assassinou o Cortado foi um matador de aluguel, o Chaluca, que aparecerá no *Canto Dois*. Não ficou na memória da Vila o nome da pessoa que o teria contratado. O depoimento é de Leopoldo Moura.

A Guerra do Contestado é a pedra de roseta da alma brasileira: sob alguns aspectos, brasileiro é vida de presidiário. Tem quem desfrute de regalias e mande intramuros. E o resto é preso comum. Não somos coletivamente donos do nosso País, por isso ficamos à mercê dos Farquhar arrivistas. A chave do Brasil, verdadeiramente, não está em mão brasileira. Chama atenção, por exemplo, a visita respeitosa e patética de Joaquim Nabuco ao Papa em Roma, no século XIX, para pedir que intercedesse a favor da abolição da escravatura no Brasil. Os caboclos do Contestado, da mesma forma que

os escravos, não foram protegidos pela religião *oficial*. Seu cristianismo (dos caboclos), como o de Canudos, e a religião dos negros no Brasil, é um composto local, obra de *presos comuns*, que a elite do presídio pouco tolera (NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. São Paulo: Nova Fronteira, 2015, p. 192 e ss.). Em relação ao Contestado, o poema tem apoio circunstancial em Wehling, Arno; Zeferino, Augusto César et al (Org.). *Cem anos do Contestado: memória, história, patrimônio*. Florianópolis: MPSC, 2013. A obra resultou de evento promovido pelo IHGSC.

O pio do macuco. O macuco é símbolo do fugitivo. Caçado pelos maiores e mais sagazes predadores da mata atlântica, ele vive em perpétua vigilância ao longo de milhões de anos. Adaptou-se aperfeiçoando a comunicação como instrumento de defesa: somente outro macuco tem condições de identificar com exatidão de onde vem o pio e qual é a mensagem. Ao invés de orientar os caçadores, o pio do macuco serve para confundi-los e despistá-los.

A chacina do Faxinal dos Lopes foi em 1925. Um cabo chamado Matheus, por não ter sido convidado para um casamento, utilizou de estratagemas para voltar ao local e metralhar a casa de madeira: matou os noivos e mais

13 pessoas e feriu gravemente outro tanto. Como o ato se dera por ordem de autoridade, Capitão Juquinha Moura (enganado pelo Cabo), os mortos foram enterrados ilegalmente no Cemitério do Cortado. MAZZOCATO, José. *Esboço histórico de Nonoai*. Passo Fundo: Berthier, [196-], p. 56-57. Foi a segunda leva de defuntos que fez do pátio do Cortado um Cemitério. A primeira foi a Gripe Espanhola.

A gripe espanhola foi em 1918 e dizimou a população local. João Pilati narra a história de um carroceiro que chegou ao Cortado com uma carroçada de mortos para enterrar e na recontagem percebeu que perdera dois pelo caminho. Teve que retornar.

*Poema 15: quem chorará por eles?* Em janeiro de 2016 meu sobrinho João Pilati Boita levou-me a visitar o Cemitério do Cortado. Fotografamos, filmamos, enquanto os mosquitos banquetevam-se pelos nossos braços e pernas. Foi a última vez que vi o João. Logo depois teve morte trágica, e este poema 15 é dedicado a ele. Por ele ainda choram a mãe viúva, Maria de Lourdes, os tios e primos, os amigos e os vis cinamomos.

*Apêndice: Toponímia balseira no rio Uruguai*. Os conhecimentos e saberes da atividade balseira eram empíricos, variavam muito e tendem a perder-se. Depois do dano

irreversível da atividade predatória à natureza, aos animais e às pessoas, a tendência do capital é o esquecimento do episódio. As informações aqui registradas foram colhidas de vários depoimentos, individualmente e em reuniões de balseiros e práticos, em Nonoai, Chapecó, Goio-En, Palmitos, Cunha-Porã e Maravilha. Um dicionário mais extenso e completo será publicado oportunamente, como parte integrante da obra dos Três Cantos, A Tragédia de Mário Castelhana.

